

Editorial

“A expressão “a Geografia se faz, primeiramente, com os pés”, é um erro! A Geografia se faz, primeiramente, com os conceitos, as teorias, os métodos, o rigor epistemológico... próprios da Geografia!”

Messias Modesto dos Passos

Na apresentação dessa obra (“O caminhar geográfico”), o autor expõe a trajetória da sua formação e do exercício profissional. Demonstra a sua opção em torno dos estudos biogeográficos e a importância da análise sistêmica elaborada por Georges Bertrand nos seus esforços de pesquisas.

O núcleo dessa obra é explicitado nessa apresentação. Primeiramente, Passos reconhece que embora tenha repetido, tantas vezes, a expressão "a Geografia se faz, primeiramente, com os pés", depois de algumas reflexões, passou a concordar com Bertrand, ou seja, que a Geografia se faz, primeiramente, com os conceitos, as teorias, os métodos e o rigor epistemológico, próprios da Geografia. Essa a “revolução” empreendida por uma geração de geógrafos (incluindo Bertrand), que, a partir dos anos de 1960, trouxe a teoria de sistemas para esse campo do conhecimento.

Essa revolução foi marcada pela teoria geossistêmica formulada por Bertrand e pelos avanços nessa interpretação, resultantes dos aprofundamentos dos estudos realizados por Bertrand e colaboradores, dentre os quais o próprio Passos.

O conceito inicial de geossistema considera três subsistemas: potencial ecológico/abiótico, exploração biológica/biótico e ação antrópica. O cômputo da intervenção humana foi a principal inovação desse modelo. O geossistema é um conceito de bases naturalistas, com uma dimensão antrópica, que visa a explicar o funcionamento do território modificado pela sociedade, mas não tem o compromisso de explicar a sociedade.

Na taxonomia inicialmente proposta, Bertrand considerou o geossistema como uma das unidades horizontais no terreno: zona, domínio, região natural, geossistema, geofácies e geótopo. Com os avanços nas pesquisas, reconheceu o geossistema como uma abstração, e substituiu a denominação desse táxon pelo termo “geocomplexo”.

Passos discute também os avanços nessa interpretação geossistêmica, inicialmente ainda muito influenciada por uma abordagem naturalista, ainda que considerasse uma dimensão antrópica, para uma visão mais amadurecida, centrada noutra dimensão ambiental: a paisagem, que resultou numa segunda versão dessa teoria: o Modelo GTP (Geossistema-Território-Paisagem).

Bertrand propôs um novo modelo para o estudo da vida e da memória das pessoas e da história das áreas. Esse modelo procura entender como as sociedades constroem sucessivas paisagens para viver, trabalhar e sonhar.

A obra aqui publicada contempla ainda duas grandes partes: a formulação e discussão do Modelo GTP e a aplicação desse modelo na bacia do ribeirão Santo Antônio, na região do Pontal do Parapanema, oeste do Estado de São Paulo, Brasil.

O Modelo GTP é uma construção sistêmica para lidar com a complexidade – diversidade – interatividade do meio ambiente: o geossistema representa o espaço-tempo da natureza antropizada; o território, o espaço-tempo das sociedades, nos aspectos políticos, jurídicos, administrativos e econômicos; e a paisagem representa o espaço-tempo da cultura, da arte, da estética, do simbólico e do místico, no tempo longo do patrimônio.

A aplicação do modelo é demonstrada no estudo “O Geocomplexo da Bacia do Ribeirão Santo Antônio”, concluído com o tópico “Conversando com os atores”, em que o autor explora referências para o estudo das representações da paisagem naquela área.

Trata-se de uma importante contribuição metodológica, que o programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí (PPGGEO/UFPI), por meio da Revista Equador, tem a honra de colocar à disposição de estudantes, profissionais e demais interessados nessa ciência.

Bom proveito!

Prof. Dr. Francisco de Assis Veloso Filho

Conselho Editorial da Revista Equador